

O Sr. senador Silveira da Motta condemnou por contradictorio o aviso de 4 de Maio, porem mostrou-se tambem partidario da livre admissão aos exames de sufficiencia.

Se a saúde do povo e a justiça publica, que certamente são dignas da suprema consideração dos poderes do Estado; não carecessem de todas as garantias de habilitações dos medicos, que são muitas vezes seus arbitros decisivos, não duvidariamos em acceitar a liberrima theoria do nobre senador, theoria tão livre e perigosa que não ha paiz algum que a acceite em these.

Terminou o debate pela approvação do requerimento do Sr. Conselheiro Zacharias, e por consequencia a discussão d'esta materia terá ainda logar entre este illustre senador e o Sr. ministro do imperio, quando este apresentar ao Senado o orçamento de sua pasta.

Aguardamos o resultado, e na qualidade de orgão da imprensa medica, congratulamo-nos com a congregação da Faculdade de Medicina pela nobre e digna posição que assumio, resistindo ao aviso injusto e illegal; e registramos aqui um voto de gratidão aos Exms. Srs. senadores Zacharias e Octaviano, que defenderam seus direitos conculcados, e os legitimos interesses da classe medica e da saúde publica, desprezados por aquelles que tem por primeiro dever zelar suas instituições e sua vida.

HELMINTHOLOGIA

NOTA SOBRE A FILARIA MEDINENSE (BICHO DA COSTA); ENDEMICIDADE D'ESTE PARASITA NA PROVINCIA DA BAHIA, E SEU INGRESSO NO CORPO HUMANO PELA AGUA EM BEBIDA.

Pelo Dr. J. F. da Silva Lima.

I

A grande raridade dos casos de accidentes motivados

pela presença do verme de Guiné, tanto nos hospitaes como na pratica civil d'esta provincia, n'estes ultimos vinte annos, parece indicar que este celebre parasita, ainda hoje muito frequente em diversas regiões tropicaes, tende a extinguir-se entre nós, ou, pelo menos, a tornar-se uma curiosidade pathologica.

Não conheço documento algum historico de onde se possa conhecer em que tempo foi primeiro observado no Brazil o *bicho da Costa*; esta ultima designação, entretanto, parece indicar-nos com muita probabilidade a sua procedencia do continente africano, e appontar para a epocha da introdução da escravatura n'este paiz, senão como a data do seu primeiro apparecimento no Brazil, ao menos como aquella em que elle começou a tornar-se mais conhecido e frequente; pois sabe-se que os pretos d'Africa, no tempo do trafico, eram muito mais perseguidos por este nematoide do que os demais habitantes, succedendo até, muitas vezes, manifestarem a presença d'elle pouco depois de chegarem ao Brazil, o que faz presumir que já o traziam consigo.

Em alguns escriptores mais antigos que descrevem ou mencionam doenças do Brazil, mas não tão antigos que não fossem já coevos do trafico, não encontro menção de draconciase ou cousa que se pareça. Pison, por exemplo, nomeia apenas o dracunculo para o distinguir da pulga penetrante (bicho dos pés); e Luiz Gomes Ferreira, cirurgião portuguez que praticou na Bahia, e principalmente em Minas, no primeiro quartel do seculo passado, e que aliás descreve no seu *Erario Mineral* muitas affecções peculiares aos pretos, não falla, e nem sequer allude ao bicho da Costa que, entretanto, devia ser frequente no seu tempo; d'entre os escriptores do presente seculo só no livro de Sigaud, (*Du climat et des maladies du Brésil—1844*) vêm muito summariamente relatados uns seis casos observados por outros ou vistos pelo auctor, e de cuja breve noticia pouco ou nada se pode colher para a historia da filaria

medinense no Brazil. Martius limita-se a mencionar este parasita entre as miserias que affligiam os pretos que aportavam ao Brazil. E' provavel que existam outros documentos mais valiosos, e para mim desconhecidos; é certo que, afóra o pequeno artigo que Sigaud consagrou no seu livro a este assumpto, só na tradição, e na experiencia propria, muitissimo limitada, tenho podido obter algumas informações a respeito do verme de Medina e da sua endemicidade no Brazil.

Não sendo meu proposito fazer a historia do dracunculo n'esta provincia e no imperio, nem averiguar se elle preexistiu á importação de escravos da costa occidental d'Africa, e sim elucidar alguns pontos controversos da historia natural d'este verme, basta-me estabelecer o facto da sua extrema raridade entre nós desde que cessou o trafico d'africanos, ha muitos annos prohibido pelas leis do paiz, mas exercido clandestinamente, ou tolerado por algum tempo depois; este facto é reconhecido pelos nossos mais antigos praticos. Pela minha parte só pude observar tres casos de draconciase em 26 annos; em um extrahi do pé de um preto creoulo uma filaria que depuz no museu da nossa Faculdade; os outros dous entram no principal assumpto d'este artigo. Ora, diz a tradição que eram outr'ora muito communs os casos de accidentes occasionados pelo bicho da Costa, e confirma isto o mesmo Sigaud dizendo, que o verme de Guiné... « se rencontre souvent dans les diverses parties du corps des nègres ayant un ou plusieurs metres de développement » pag. 133.

D'esta frequencia do dracunculo no tempo da importação de africanos, da sua extrema raridade após a extincção definitiva do trafico, e da falta de provas da sua existencia em tempos anteriores a esse barbaro commercio, poder-se-ha concluir que nos foi trazido d'Africa aquelle parasita com a introdução da escravatura de negros?

O caso que vou referir prova a endemicidade

no Brazil, e tambem a sua penetração no corpo humano pelo estomago, dous factos ainda hoje postos em duvida pela grande maioria dos helminthologistas.

Pelo que respeita á endemicidade do dracunculo entre nós, formalmente estabelecida pela seguinte narração, farei no fim algumas breves considerações quanto ao seu valor na questão de saber se aquelle nematoide teve sua exclusiva origem na importação de negros africanos.

II

Em 1850, sendo eu ainda estudante de medicina, apresentou-se-me Antonio Francisco d'Oliveira, portuguez, de cerca de 30 annos de idade, negociante no Joazeiro, no sertão d'esta provincia. Disse-me que tinha no corpo um *bicho da Costa*, adquirido em viagem d'aqui para sua casa, acompanhado de um seu irmão, e de mais sete pessoas de serviço, das quaes algumas soffriam do mesmo parasita, ou tinham-no expellido, ou feito extrahir, parcial ou totalmente; que o d'elle tinha percorrido varias regiões da metade superior do corpo, subira ao lado esquerdo do pescoço, atravessára a região frontal, e descendo pela temporal e pescoço do lado direito, viera fixar-se na região thoracica lateral correspondente; esta migração levára muitos dias, e fôra acompanhada de uma sensação exquisita, mixto de formigamento, cocega, comichão e dôr por baixo da pelle, a qual em alguns logares, principalmente nas regiões temporal e frontal, mostrara um ligeiro relevo, sensivel á vista e ao tacto, indicando a passagem do dracunculo.

Examinando a região em que o doente dizia achar-se verme, notei, com effeito, logo abaixo e fôra do maxillo direito, em uma superficie mais ou menos como a palma da mão, uns relevos curvelineos irregulares, cruzando-se em diversos sentidos, como as voltas de um fio, ou de linha grossa que estivesse enroscada por elle. Não havia dôr á pressão, nem outra qual-

quer sensação desagradável desde algum tempo; mas o doente, receiando os temiveis accidentes que vira em outros padecentes do mesmo mal, pedia-me que lhe extrahisse o *bicho*; não annuindo eu a este pedido indiquei cirurgião a quem o meu amigo se podesse dirigir para esse fim; mas elle preferiu contemporisar, e retirou-se para o Joazeiro.

No anno seguinte voltou Oliveira á Bahia; os relevos que elle affirmava serem formados pelo verme convoluto haviam desaparecido gradualmente, ou porque o parasita, morto, fosse pouco a pouco absorvido, ou porque emigrára para regiões mais profundas; o certo é que nunca mais deu signaes da sua presença até a occasião da morte de Oliveira, 5 ou 6 annos mais tarde, motivada, creio eu, por doença de origem paludosa, com anemia, anasarca, etc.

No mesmo anno de 1850, alguns mezes depois de ver pela primeira vez este doente, veio a esta cidade seu irmão Manoel (que ainda ha dous annos vi em Portugal onde reside ha mais de dez) e mostrou-me a côxa direita affectada como de erysipela phlegmonosa que durava algumas semanas, e que muito lhe difficultára a viagem de 8 ou 10 dias a cavallo.

Rompera-se um pequeno abcesso na parte inferior e interna da côxa ainda em viagem, e pela abertura sahira uma porção da filaria, que se partira; pouco depois da sua chegada aqui appontou-lhe de novo o verme pela mesma abertura, e foi extrahido por mim sem difficuldade em alguns dias, sarando completamente a fistula, e desaparecendo a inflammação phlegmonosa, sem deixar mais do que uma pequena cicatriz, ainda hoje visível.

Estes dous factos, e outros que os doentes me disseram ter presenciado nas pessoas que os acompanharam n'aquella desastrosa viagem, despertaram-me a curiosidade de saber o logar e as particularidades da infecção dos dous irmãos Oliveiras, e dos seus companheiros de

jornada, e pedi ao primeiro d'elles que me desse por escripta algumas informações sobre o caso.

Antonio Oliveira escreveu-me em 1852 dizendo: que em Abril de 1849 sahira da Bahia para o Joazeiro com uma tropa conduzindo mercadorias, acompanhado por seu irmão Manoel, e mais sete pessoas entre escravos, arrieiros etc.;—que um anno depois, seis destas pessoas, inclusive elle e o irmão, apresentaram symptomas da presença do bicho da Costa, e que algumas o expelliram em parte ou no todo, e outras ainda o conservavam inteiro; que informando-se de pessoas antigas, e praticas na estrada da Bahia, estas lhe disseram que havia bicho da Costa em um tanque da Pojuca, perto da Feira da Sant'Anna, e que julga terem-n'o, elle e seus companheiros contrahido n'esse logar, pois ahi descansaram, e beberam agua de um riacho para o qual trasbordára o referido tanque em consequencia da copiosa chuva que pouco antes cahira n'aquellas paragens.

A isto se reduzem as informações que conservo, escriptas por Antonio Oliveira tres annos depois de passar pela Pojuca, onde com a sua gente fôra infectado de bicho da Costa; não solicitei d'elle outras mais explicitas porque não pretendia n'esse tempo dar publicidade a este facto; mais tarde, porém, (1869), tendo já fallecido Antonio Oliveira, e tendo-se retirado para Portugal seu irmão Manoel, um dos martyres do dracunculo, lembrei-me outra vez d'este curioso facto, e resolvi tirar a limpo, do modo que me fosse possivel, a dupla questão de saber o logar exacto em que os viajantes receberam o verme, e o modo e via de penetração d'este na economia. Longe do Joazeiro, onde ainda n'esse tempo existiam alguns dos padecentes e testemunhas do successo, incumbi um irmão dos dous Oliveiras, o Sr. Joaquim José Barbosa, homem circumspecto e intelligente, de fazer um rigoroso inquerito ácerca d'este acontecimento, muito notorio n'aquella villa, e de todas as circumstancias que o acompanharam. Este meu amigo desem-

penhou a incumbencia com a melhor vontade, e com um rigor d'investigação que faria honra a um magistrado.

Embora com risco de me tornar demasiado prolixo, vou trasladar para aqui, em resumo, ao menos a parte essencial d'este extenso inquerito, o que me será desculpado, pois trata-se de averiguar um facto importante da nossa historia medica—a endemicidade do dracunculo no Brazil—e, além d'isso, de grande alcance para a questão, controversa ainda, do modo e via d'ingresso do parasita no organismo, e, consequentemente, para a prophylaxia.

III

Traz este documento a data do 1º d'Agosto de 1869.

As pessoas que compunham a caravana que em Abril de 1849 partiu para o Joazeiro compunha-se das seguintes pessoas:

Antonio F. d'Oliveira Sampaio e seu irmão Manoel F. d'Oliveira, donos do comboio.

Manoel Jorge Lima, Pedro Soares Noia, João Curimatá, Manoel da Branca, Verissimo Barbosa d'Oliveira, Francisco, africano, e Manoel, creoulo, criados e arrieiros de serviço.

D'estes individuos foram interrogados cinco; os outros eram fallecidos ou ausentes.

Pelos seus testemunhos vê-se que não foram elles os unicos infectados, porque se referem a outro comboio que passou na mesma occasião pela mesma estrada, e pousou no mesmo logar, e affirmam que algumas das pessoas, (tres pelo menos) que o compunham soffreram igualmente do bicho da Costa, e no mesmo periodo de tempo, mais ou menos.

1—O primeiro informante é *Manoel Jorge de Lima*; declarou que em 1849 viera á capital da provincia pela estrada de Jacuipe em companhia de seus amos (os irmãos Oliveiras,) um já fallecido e outro residente na Europa, e dos outros seis individuos que acima ficam nomea-

dos;—que n'essa occasião viera tambem Luciano Leite da Silva com diversas pessoas cujos nomes ignora, sabendo, entretanto, que tres d'ellas tiveram o bicho, inclusive o proprio Luciano, já fallecido;—que dos seus companheiros soffreram elle e mais cinco, e entre estes os seus dous amos, chegando alguns a ter convulsões (?) pelo grande soffrimento.

Disse mais, que n'aquella epocha se fallava em bicho da Costa, e que tinha noticia de o haver em varias lagóas, mas que, já estando elle e seus companheiros prevenidos, não fizeram uso das suas aguas nem para banho ou lavagem, nem para bebida;—que voltáram pela mesma estrada do costume, que passa pela Feira de Santa Anna, S. José, Coité, etc.; — que havia tradição da existencia do bicho na lagóa de S. José e Pojuca, mas que passaram por fóra do primeiro d'estes logares, e descansaram no segundo;—que não havendo alli outra agua serviram-se da da lagóa unicamente para bebida, pois n'aquelle tempo só se recommendava que ninguem se lavasse com ella, por ser n'esse acto que entrava o bicho da Costa no corpo humano; mas que elle pode jurar que o parasita não entra pela pelle no lavar, visto que elle e seus companheiros nem sequer n'essas aguas pisaram, e sim beberam d'ellas, e d'isso tão sómente se queixam;—que alguns dos seus companheiros começaram a soffrer muitos mezes depois d'essa viagem, mas que elle viera a soffrer ao cabo de um anno;—que não se lembrava de que outras pessoas que marcharam em tropas soffressem do bicho senão as d'estas duas, pois que foram estas as unicas que por alli passaram na primeira enchente, ou na primeira chuva, e que julga não apparecer o dracunculo senão nas primeiras aguas depois de uma grande secca; depois d'aquella data não sabe de facto algum de manifestação do mesmo parasita em outras pessoas.

2—*Francisco*, africano, disse saber por tradição—que existem bichos da Costa nas lagóas da estrada de Ja-

cuipe, e nomeadamente nas de S. José e Pojuca;—confirma o facto de só terem bebido, e não usado de outro qualquer modo a agua da Pojuca;—que esta agua corria em um riacho, e vinha de um tanque anteriormente secco, mas que n'aquella occasião se enchera e trasbordára em consequencia da forte chuva;—que todos diziam que ninguem se lavasse em agua onde houvesse bicho da Costa, mas que elle, tendo já algum conhecimento d'este animal, dissera a seus senhores que não bebessem da tal agua, embora accreditasse o povo que o bicho só entrava no corpo no lavar;—que isto era um engano, e que no caso que a quizessem beber a mandassem ferver ou coar para evitarem o mal;—que aquillo era uma lendea de tamanho tão diminuto, que d'ella não havia signal algum n'aquellas aguas empoçadas.

3—*Verissimo Barbosa d'Oliveira* soffreu de bicho da Costa em 1850, e disse havel-o adquirido em 1849 em viagem pela estrada de Jacuipe com as pessoas acima nomeadas;—confirma exactamente as precedentes narrativas;—que descançaram na passagem da Pojuca, fazenda das Laginhas, quatro leguas distante da Feira de Santa Anna;—que desconfiava-se haver n'esse lugar bicho da Costa, por o haver realmente em um riacho que ahi passa; não havendo outra agua beberam d'essa; e não obstante o escravo africano dizer que o bicho da Costa entrava na bebida, não se lhe deu credito, e por isso quasi todos soffreram, pois sendo entre amos e moços nove pessoas, só tres escaparam de semelhante peste, que foram João Curimatá, Manoel da Branca, e Manoel creoulo, escravo;—disse, finalmente, que em virtude da advertencia do preto sempre fez algum reparo na agua, mas que nada pudera ver por ella ser turva;—que está inteiramente convencido da entrada do animal pela bebida, etc.

4—*Manoel*, creoulo, escravo, confirma os testemunhos precedentes quanto aos factos principaes, ao lugar, e ao uso que fizeram das aguas da Pojuca, isto é, das do

riacho por onde correm aquellas;—disse que da tropa de Luciano Leite da Silva soffreram do mesmo mal tres pessoas, segundo sua lembrança, que foram o proprio Luciano e dous dos seus moços, todos já fallecidos; e que estes se queixaram das aguas da Pojuca, por haver certeza da existencia do bicho da Costa n'aquelle logar.

5—*João Curimatá* confirmou egualmente as declarações dos seus quatro companheiros; disse que lhe constava haver bicho da Costa na lagôa S. José, Pojuca, fazenda das Laginhas;—que não se lavou na agua da Pojuca, mas que bebeu d'ella tomando, porem, a precaução de a coar, ao que attribue ter ficado isento de semelhante mal.

Devo accrescentar aqui que o testemunho de Manoel Francisco d'Oliveira, um dos padecentes, com quem já por duas vezes conversei em Portugal a respeito da materia do precedente inquerito, está de perfeito accordo com o dos seus companheiros de viagem e de soffrimento.

IV

Se este facto, occorrido ha 28 annos, e de cuja authenticidade não resta a menor duvida, não bastasse, por si só, para justificar a tradição que já n'esse tempo denunciava aquelles logares como infectados do bicho da Costa, e para provar que este penetra no organismo tambem com a agua em bebida, outros mais recentemente observados nas mesmas localidades acabariam de confirmar, como verdades solidamente estabelecidas as deducções que d'aquelle se derivam.

Na recente e muito instructiva these inaugural do meu joven collega e amigo o Sr. Dr. M. Victorino Pereira¹ encontro uma carta do meu antigo condiscipulo, o Sr. Dr. O. C. Cabossú, que pratica na Feira de Sant'Anna; este documento interessante está de accordo nos to-

¹ *Molestias parasitarias mais frequentes nos climas intertropicaes.*—Bahia 1876 p. 90.

picos principaes com o resultado do inquerito feito no Joazeiro, e com as noções que eu pessoalmente pude obter dos factos ahí minuciosamente narrados; o autor da these resume substancialmente aquella carta nas seguintes proposições:

« 1.º—Ha cerca de dez annos, na cidade da Feira, e na freguezia de S. José, distante 12 kilometros d'ella, foram atacadas de filaria de Medina (bicho da Costa) diversas pessoas, em numero superior a 50. »

« 2.º—O verme pareceu escolher antes as outras cores do que a preta, sendo-lhe indifferente a nacionalidade e o sexo. »

« 3.º—A existencia do parasita nas pessoas que não se banharam n'agua é uma prova de que elle podia tambem ser introduzido no organismo pela ingestão dos liquidos. »

« 4.º—Depois d'aquelles tempos são raros os casos pelos suburbios da cidade, e rarissimos no seu centro. »

« 5.º—Ainda hoje acoimam a lagôa sita ao norte de S. José por conservar este hospede tão incommodo. »

« 6.º—Outr'ora era accusado o tanque chamado da Nação, ao poente, e uma fonte que n'elle desagua, de conterem em si o principio productor de tanto soffrimento. »

A esta ultima proposição accrescenta o autor da these citada uma nota em que diz constar-lhe, que tanto n'aquelle tanque, como no de Jacuipe ha muito boas sanguesugas. D'aqui se infere que são distinctos os tanques da Nação e o de Jacuipe, havendo, portanto, n'aquellas paragens, mais um logar infectado de dracunculo, além dos mencionados pelos viajantes de 1849, não contando a fonte que desagua no primeiro d'aquelles tanques, pois é provavel que d'ahí tenha passado para elle o parasita.

V

Duas palavras a respeito da origem do verme de Medina entre nós.

Foi-nos trazido d'Africa este parasita com os negros escravos, ou existia já no paiz, tornando-se apenas mais frequente depois do trafico, ou simplesmente depois de estabelecida a navegação entre as duas costas fronteiras?

E' certo que o facto da endemicidade actual da filaria de Medina em uma localidade d'esta provincia não exclue a sua importação no tempo do trafico; o parasita podia ter-se acclimatado alli, como creem alguns auctores que succedeu em outros logares da America, onde aportaram negros d'Africa.

Em sua citada these declara positivamente o Dr. Victorino Pereira que o verme foi importado, tendo sido seus vehiculos vivos os africanos escravos. ²

Com quanto eu não possa adduzir provas que decidam peremptoriamente esta questão em sentido contrario, julgo, todavia, que as produzidas pelo meu illustrado amigo não são sufficientes para uma affirmação tão categorica e absoluta. São ellas, em resumo:

1.º—As noticias tradicionaes; o chamar o vulgo ao verme—*bicho da Costa*; e a persuasão que sempre teve o povo de que este parasita só apparece nos africanos.

2.º—Nunca terem soffrido, que se saiba, do verme de Guiné paizes limitrophes como a Bolivia, o Perú e o Chile, que nunca tiveram importação africana.

3.º—O silencio de Pison e de outros auctores ácerca do mesmo verme como endemico entre nós, e não o mencionarem entre as causas de molestia nos indigenas.

As noticias tradicionaes podem ter-o mesmo fundamento que a persuasão do povo em suppor só os africanos susceptiveis de contrahirem o verme no Brazil;

sabemos que não ha tal predilecção quando individuos d'aquella e de outras raças se expoem simultaneamente a contrahil-o; no caso que referi, entre os seis atacados havia um só africano, que parece não ter posto em pratica para si o conselho preventivo que deu aos seus senhores, e mais companheiros; quanto á denominação de *bicho da Costa*, ella pode ter por unico fundamento a maior frequencia do parasita nos pretos d'Africa, por já o trazerem do seu paiz, ou o terem adquirido em viagem pelas aguas impuras que bebiam; além d'isso, a synonymia do verme comprehende tambem a designação de *Dracunculus Persarum*, que faz presumir outra origem que não a de Guiné e de Medina³; o dracunculo é, com effeito, endemico em muitos logares da Asia para onde não pode a immigração africana ser accusada de o ter importado. A immuniidade de alguns dos paizes nossos limitrophes ao poente, se é que existe, não é unicamente devida á falta d'essa immigração, pois que não é ella a condição indispensavel para a distribuição geographica do parasita pela zona intertropical.

Pison, e outros auctores que não dão o verme como endemico entre nós, nem como causa de molestia nos indigenas, tambem o não consideram como exclusivo aos negros d'Africa, já importados como escravos no seu tempo. O silencio que guardára Pison e alguns escriptores a respeito do verme como causa de molestia nos indigenas, não prova mais a immuniidade d'estes do que o silencio de Dazille⁴ e de Luiz Gomes Ferreira⁵ prova a dos negros, de cujas molestias se occuparam no tempo do trafico; é incrível que nenhum d'estes observadores tivesse noticia da filaria de Medina, ainda não tendo encontrado em sua pratica um só caso de draconciase nos pretos que tiveram a tratar.

³ Ignoro se a cidade de Medina, que tambem deu o seu nome ao verme, é a da Senegambila ou a da Arabia.

⁴ *Observações sobre as molestias dos negros*; obra traduzida por Antonio José Vieira de Carvalho—Lisboa 1801.

⁵ *Evário Mineral*—Lisboa 1739.

O certo é que não se pode affirmar, nem negar em absoluto a existencia do dracunculo como endemia no Brazil anterior á importação d'africanos, por falta de documentos authenticos e explicitos sobre este ponto da nossa historia medica; quando muito é-nos permitido ter por mais provavel a segunda alternativa, isto é, a importação de africanos como unica origem do parasita em nosso paiz.

Mas, concedida que seja esta hypothese, fica sem explicação, não digo já o facto da endemia verificada nas visinhanças da Feira de Sant'Anna, mas a circumstancia de a encontrar-mos unicamente em localidades tão pouco povoadas, longe do littoral, e principalmente d'esta capital, onde se accumulavam por milhares os desgraçados negros recém-chegados d'Africa. Porque caprichosa fatalidade foi cair lá tão longe a nefanda semente do formidavel parasita, deixando livre o nosso vasto Dique, os riachos e tanques suburbanos, e os reservatorios d'agua dos numerosos engenhos do Reconcavo, onde se recebiam ás manadas os *negros novos*, portadores muitas vezes do dracunculo?

E' muito razoavel crer que deveria ser mais frequente o parasita importado, nos logares onde mais numerosos foram os seus importadores, ou vehiculos vivos, como muito bem os qualifica o meu talentoso collega, auctor da notavel these cuja leitura me suggeriu estas reflexões.

Por outro lado, vemos que, quasi ao mesmo tempo, Wucherer no Brazil, e Lewis na India ingleza, mostraram ao mundo scientifico outro nematoide parasita, uma filaria endemica tambem, cuja coexistencia em paizes tão distantes um do outro, e sem relações directas, não pode ser attribuida com bons fundamentos a transporte por vehiculos vivos.

Como quer que seja, o problema da origem primitiva da filaria de Medina entre nós ficará por muito tempo, senão para sempre, insolavel; entretanto, alguma luz nos poderá vir do concurso dos nossos collegas que possam

e queiram investigar a existencia de outros focos de infecção do dracunculo em outros pontos do Brazil, e das relações que elles possam ter com a população escrava africana ao tempo do trafico.

Embora estas indagações tenham mais interesse historico do que pratico, ellas podem, todavia, quando bem succedidas, ser de utilidade em relação á hygiene publica e particular, além de accrescentarem o nosso ainda minguido patrimonio scientifico nacional.

VI

Do que precede julgo que se podem deduzir as seguintes conclusões:

1.º—Que ha na provincia da Bahia uma localidade onde é endemica a filaria de Medina, ou bicho da Costa.

2.º—Que esta localidade é nas proximidades da Feira de Sant'Anna, freguezia de S. José, lagôa do mesmo nome, e da Pojuca, na estrada que passa por Jacuipe em direcção ao Joazeiro.

3.º—Que é por occasião das primeiras chuvas após uma estação secca que o bicho da Costa é mais frequente, e mais perigoso, por consequencia, o uso da agua d'aquelles logares.

4.º Que o dracunculo, embora encontre outras vias de facil introduccão no corpo humano, penetra tambem, sem duvida alguma, pelo estomago com a agua em bebida; e, consequentemente;

5.º—Que o melhor meio de evitar a infecção é não fazer uso das aguas suspeitas senão filtradas ou fervidas, ou, melhor ainda, combinar ambos estes processos de depuração.

6.º—Que a opinião mais plausivel e mais geralmente acceita sobre a origem do dracunculo no Brazil é a que o reputa importado pelos negros d'Africa: é facto incontestavel que elles muitas vezes o traziam já comsigo no corpo, ou vinham a manifestal-o pouco tempo depois da

chegada; mas nem isto, nem documento algum até hoje conhecido, excluem a possibilidade da existencia do verme em epocha anterior ao trafico.

7.º—Que a presença do verme, no periodo ante-parasitario de sua vida, nas cercanias da Feira de Sant'Anna, a grande distancia do littoral, e a falta de sua manifestação actualmente nos logares onde aportavam em massa os escravos, são factos difficeis de explicar pela importação africana.

OPHTHALMOLOGIA -

O DRAINAGE NA THERAPEUTICA OCULAR

Pelo Dr. Bueno Mamoré.

A idéa de atravessar nma especie de sedenho filiforme nos olhos e deixal-o ahi por um tempo mais ou menos longo, de certo não mereceria hoje as honras de novidade, porém o fim, a séde do emprego, e até a substancia com que outr'ora faziam-se estas applicações, são inteiramente diversos no que se chama hoje—*drainage*.

Expliquemo-nos.

De Graefe e Flaur empregavam e aconselhavam a applicação do sedenho filiforme no intuito de obter uma *reducção do globo do olho, cujo volume se achava exagerado por uma hydrophthalmia, ou desorganizado por um outro processo morbido*. O fio era de seda e applicado na *zona ciliar* que elle atravessava.

O *drainage* de Wecker, de que nos occupamos hoje, em primeiro logar differe da applicação precedente pela *séde, que é fóra da zona sensivel por excellencia, e pela substancia, que é um fio de ouro*.¹

¹ Ha poucos dias começou o mesmo Wecker a ensalar fios de *catgut* em vez de ouro, applicando-os pelo mesmo modo que estes.